ANALYSE
DA
PROCLAMAÇÃO
DE
Mr. JUNOT DE 16 DE AGOSTO DE 1808.

POR * * *



COIMBRA,
NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.
1808.

Com licença do Governo.

Vende-se em Coimbra em Casa de Francisco de Assis e Fonceca; e no Porto em Casa de Antonio Alvares Ribeiro.

ANALYSE

DA PROCLAMAÇÃO DE *JUNOT*

DE 16 D'AGOSTO DE 1808.

O Duque d'Abrantes, General em Chefe do Exercito de Portugal, aos Portuguezes habitantes de Lisboa.

O Ducado d'Abrantes he hum Titulo, que atégora se não sabe o que quer dizer, e parece que d'aqui para diante sería melhor para Mr. Junot ter antes sido Duque d'hum dos quatro naipes das cartas de jogar.

Eu me separo de vós por tres ou quatro dias.

Melhor fôra por toda a eternidade: não nos deixais saudades, antes sentimos, que a vossa ausencia seja tão curta; porém sabe Deos o que será!

Eu vou visitar o meu Exercito; e se for necessario, dar huma batalha aos Inglezes,

Escusais de ir, porque a vossa visita não desviará já mais o castigo, que o Ceo vos approxima para expiação das vossas maldades, e das do vosso Exercito, que com vosco não faz mais, do que assassinios, roubos, e até sacrilegios entre huma Nação, que vós dizieis, vir proteger:

esta Nação e as suas alliadas são os instrumentos da vingança do Ceo : ellas são quem vos procura, e não vós a ellas : vós lhe abristes os canaes e estradas por onde ellas agora se apréssão contra vós , porém tendes ao menos a consolação de ter feito huma linda obra.

E qualquer que for o successo eu voltarei para vós.

Quereis dizer, que morto, ou vivo; vencedor, ou vencido haveis de tornar a Lisboa. Tal he o amor, que tendes a esta bella Cidade. O disparate, que acabais de proferir não he de inferior condição á de outros, que se achão nos vossos sermões antecedentes.

Eu vos deixo para governar Lisboa hum General, que pela sua doçura, e pela sua firmeza de caracter soube merecer a amisade dos Portuguezes em Cascaes, e Oeiras: o Senhor General Travot saberá tambem por estas virtudes merecer a dos habitantes de Lisboa.

Para ser bom basta ser Francez, e depois de ser escolhido por vós hade ser d'alto calibre: teremos por ahi algum segundo tomo de Mr. de Laborde? Bastará que tenha tanta doçura e firmeza de caracter como vós tendes tido: basta que a amisade que elle soube merecer em Cascaes e Oeiras seja igual á que vós tendes merecido em Lisboa, e em todo Portugal: desde já nos confiamos muito do vosso substituto.

Vós tendes estado até agora tranquillos.

Em quanto ao externo não ha dúvida que temos sido muito pacientes, porém no interior não nos tem faltado vontade de vos mandar, e aos vossos sequazes para o reino de Plutão.

He do vosso proprio interesse continuar a sello:

Agora he do nosso interesse deixar de o ser.

Não vos mancheis com hum crime horrendo no instante, em que a sorte das Armas decidirá sem risco vosso do podêr, que vos haja de governar.

A todo o risco nós pertendemos restabelecer o Governo, que o Ceo nos deu, e que vós nos tirastes aleivosamente: n'isto longe de nos mancharmos nós ganharemos a maior gloria.

Reflecti hum instante sobre o interesse das tres Nações, que entre si disputão a posse de Lisboa.

A Nação Portugueza, que vós excluís da disputa, he quem pertende reivindicar Lisboa, e todo o Reino de Portugal: ella he quem compete com vosco auxiliada dos seus Amigos, que não tem o caracter Francez, que vós lhe attribuís.

A gloria e a prosperidade da Cidade e do Reino são o que querem os Francezes.

Nunca fallastes tanta verdade: estamos em que os Francezes só ambicionárão a gloria, e a prosperidade da Cidade, e do Reino.

Porque he este o interesse e a politica da França.

Sim, Senhor, tambem estamos por esta.

A Hespanha quer invadir, e fazer de Portugal huma das suas Provincias para se fazer assim senhora da Peninsula;

Dirieis melhor: a França quer invadir a Hespanha e Portugal, para se fazer senhora da Peninsula. Grosseiramente porfiais em tecer a intriga entre a Hespanha e Portugal esquecido, de que o escandaloso comportamento do vosso Amo, (que só vos ensinou a arte de roubar) para com Portugal e Hespanha fez unir estas duas Nações para repellir suas fraudolentas intenções, dissipando assim antigas indisposições. Alem disto já não ha que recear da Hespanha: ella já se acha unida á França pela posse da Corôa Hespanhola tomada pelo novo Monarcha, que o vosso Imperador lhe deu, se a Gazeta de Lisboa N. 30 nos não engana, quando falla da solemnidade desta funcção n'hum tablado em que se lançava dinheiro á rebatinha.

E a Inglaterra quer dominar-vos para destruir o vosso Porto, a vossa Marinha.

A Inglaterra quer destruir o nosso Porto, e a nossa Marinha; e vós quereis approveitallo! A vossa estada em Lisboa tem dado grande interesse ao Commercio e á Marinha! Vós discorreis com grande acerto.

E impedir que a industria faça progressos entre vós :

He verdade : vós sois sómente quem procurou adiantar os progressos da nossa industria : tendes muita razão ; porque, graças ao Ceo, já lá vai o tempo, em que a deforme mendicidade arrastava os seus fatos imundos nesta soberba Capital ; e no interior do Reino : n'huma palavra para a nossa felicidade já se não espera outra cousa mais, do que o Camões, que promettestes ao Algarve e á Beira Alta.

A magnificencia do vosso Porto lhes causa muita inveja : elles não consentirão, que exista tão perto delles, e elles não tem a esperança de o conservar :

A magnificencia do nosso Porto foi quem desafiou a vossa inveja, não obstante estar tão longe da vossa vista, e o não poderdes conservallo.

Elles sabem que hum novo Exercito Francez passou já as vossas fronteiras ;

He necessario dizer, de que he este Exercito, e que estrada tem seguido ; elle só póde ser de mosquitos, que viessem pelo ar.

E se esse não bastar outro virá após elle.

Sim ; porque a França tem viveiros d'Exercitos. Ora pois venhão quantos Exercitos quizerem ; pois que terão a mesma sorte que vos espera, e que tem tido, os que entrárão na Hespanha.

Mas elles terão destruido os vossos estabelecimentos maritimos : elles terão sido causa da destruição de Lisboa , e eis-aqui o que elles procurão , o que elles querem.

¿De que servem os nossos estabelecimentos maritimos em vosso podêr ? He o mesmo que não os ter. Que importa que se destrua Lisboa e todo o Reino , se vós o tendes saqueado e quasi reduzido á ultima desgraça ? Já vos disse : os sentimentos da Inglaterra são mais honrados , do que os dos Perfidos Francezes ; e por isso não façais della hum tão funebre conceito.

Elles sabem , que não podem conservar-se no Continente ;

Brevemente vos desenganareis a este respeito.

Mas quando elles podem destruir os Pórtos e a Marinha de qualquer Potencia , estão contentes.

A função de Copenhague ainda vos não passou da garganta : pois com ella morrereis engasgado.

Eu parto cheio de confiança em vós ; eu conto muito sobre todos os Cidadãos interessados na conservação da ordem pública ; e estou muito persuadido , que ella será conservada.

Sim , Senhor , faço idêa do triste estado , em que vos achais : vós estais como aquelles , a quem a necessidade obriga a fiar-se de pessoas , de quem mais devem desconfiar.

Considerai as desgraças, que necessariamente succederião, se esta formosa Cidade obrigasse as minhas Tropas a entrar nella com a força.

Ellas não poderão fazer mais, do que tem feito.

Os Soldados exasperados não poderião conter-se, o ferro, o fogo, todos os males da guerra praticados em huma Cidade tomada de assalto, o saque, a morte . . . . eis-aqui o que em taes circunstancias eu não poderia impedir, e eis-aqui o que vós attrahirieis sobre vós:

Por isso ficamos nós; porque só esta he a sua disciplina, e tambem a vossa. He só neste ramo que a Tropa Franceza se sabe distinguir.

Só a idêa me faz estremecer.

He este o primeiro lance de sensibilidade, que em vós tenho observado. Não estremeçais tanto; porque se vos póde tolher a falla; e sem esta vós já mais podereis exercer a vossa Prédica. Desterrai de vós idêas tristes, e ide-vos lembrando so do lugar, a que deveis passar d'aqui, a prégar as tardes.

Habitantes de Lisboa, evitai, affastai de vós, estas terriveis calamidades.

Deixai-nos: nós faremos o que bem nos parecer.

Dado no Quartel General de Lisboa 16 *de Agosto de* 1808.

O vosso Quartel ameaça huma grande ruina, e por isso me parece, que brevemente ficareis sem elle. Desta fórma principiará Deos a castigar a vil canalha dos Francezes, e com especialidade

O Duque d' Abrantes.